



A Interlocução de Saberes na Antropologia 2

**Willian Douglas Guilherme
(Organizador)**

Atena
Editora

Ano 2020



A Interlocução de Saberes na Antropologia

2



Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Atena
Editora

Ano 2020



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Willian Douglas Guilherme

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

I61 A interlocução de saberes na antropologia 2 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-375-0

DOI 10.22533/at.ed.750201109

1. Antropologia. 2. Ciências humanas. 3. Etnologia. I. Guilherme, Willian Douglas.

CDD 306

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste segundo Volume de “A Interlocação de Saberes na Antropologia” foram selecionados 18 artigos, o dobro do primeiro Volume, publicado em 2019. A intenção é ampliar o debate acadêmico por meio da divulgação dos resultados da pesquisa antropológica. Assim como no primeiro Volume, esta publicação mantém a característica crítica e direta que é a marca esta coletânea.

Os artigos trazem possibilidades diversas, discutindo dentro do viés antropológico, temáticas relativas aos saúde e povos indígenas, cultura, resistência negra e quilombos. Os artigos debatem seus objetos dialogando intensamente com o leitor, provocando, instigando a inquietação diante os resultados apresentados.

Ainda, temas como ciências da computação, processo judiciais, globalização, mudança no hábito alimentar e assédio sexual também são intensamente discutidos. É uma obra que precisa ser divulgada e referenciada.

Convido a navegarem pelo índice e desfrutarem do prazer desta leitura.

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ANTROPOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO	
<i>Roberta Brandalise</i>	
DOI 10.22533/at.ed.7502011091	
CAPÍTULO 2	26
A FORMAÇÃO INTERCULTURAL DE GESTORES NO CAMPO DA SAÚDE INDÍGENA	
<i>Marcos Antonio Braga de Freitas</i>	
<i>Ana Paula Barbosa Alves</i>	
<i>Ariosmar Mendes Barbosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.7502011092	
CAPÍTULO 3	40
ANTROPOLOGIA NAS PERÍCIAS: APROPRIAÇÕES DA PESQUISA ANTROPOLÓGICA NO ÂMBITO DE PROCESSOS JUDICIAIS	
<i>Cíntia Beatriz Müller</i>	
DOI 10.22533/at.ed.7502011093	
CAPÍTULO 4	51
ASSÉDIO SEXUAL EM ESPAÇOS PÚBLICOS E O CRIME DE IMPORTUNAÇÃO SEXUAL: A LEI Nº 13.718/2018	
<i>Ester Rocha de Sousa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.7502011094	
CAPÍTULO 5	63
CAIXA DE COMENTÁRIOS DOS JORNAIS ONLINE DE MATO GROSSO DO SUL: OPINIÕES EXPRESSAS A RESPEITO DOS POVOS INDÍGENAS	
<i>Gabriel dos Santos Landa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.7502011095	
CAPÍTULO 6	76
COMUNIDADES TRADICIONAIS E REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA NO SUL DO AMAZONAS	
<i>Cloves Farias Pereira</i>	
<i>Thereza Cristina Menezes Cardoso</i>	
<i>Suzy Cristina Pedroza da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.7502011096	
CAPÍTULO 7	89
CURSO DE GESTÃO EM SAÚDE COLETIVA INDÍGENA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Ana Paula Barbosa Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.7502011097	

CAPÍTULO 8.....	104
DA NARRATIVA DE VIAGEM À NARRATIVA ETNOGRÁFICA: A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO E A AUTORIDADE CIENTÍFICA	
Eliane Miranda Costa	
DOI 10.22533/at.ed.7502011098	
CAPÍTULO 9.....	117
ECONOMIA, CONSUMO E ESCASSEZ DE RECURSOS NATURAIS: OS DESAFIOS DO MUNDO GLOBALIZADO	
Ariosmar Mendes Barbosa	
Marcos Antonio Braga de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.7502011099	
CAPÍTULO 10.....	130
HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS FAMÍLIAS DESCENDENTES DE ORIGEM ALEMÃ DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA/SC	
José Raul Staub	
Adelcio Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.75020110910	
CAPÍTULO 11.....	145
NOVAS CENTRALIDADES, NOVAS PERIFERIAS: NARRATIVAS DE FUGA NA FRONTEIRA ENTRE TERRITÓRIOS DA ZONA OESTE DE MONTEVIDÉU	
Romina Pedreira Cabrera	
Valeria Giménez Carratú	
DOI 10.22533/at.ed.75020110911	
CAPÍTULO 12.....	161
O CONCEITO DE CULTURA EM FOCO	
Adelcio Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.75020110912	
CAPÍTULO 13.....	168
O HOME CARE DECIDIDO PELOS TRIBUNAIS: OUTRAS FACES E DILEMAS DA JUDICIALIZAÇÃO DA SAÚDE	
Luísa Paim Martins	
Leonardo do Amaral Pedrete	
DOI 10.22533/at.ed.75020110913	
CAPÍTULO 14.....	183
O IMPÉRIO DOS SIMULACROS E A COMIDA “FRANKENSTEIN”... TEM “GOSTO”, “CHEIRO” E “COR” DE FRUTA, MAS NÃO É FRUTA – UMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA DOS SENTIDOS DO ATO ALIMENTAR	
Sophia Sartini Fernandes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.75020110914	

CAPÍTULO 15.....	204
OUTROS OLHARES SOBRE OS OUTROS: A PRESENÇA INCÔMODA DOS CORPOS MODIFICADOS EM <i>BLOGS</i>	
Juliana Abonizio	
DOI 10.22533/at.ed.75020110915	
CAPÍTULO 16.....	211
PROTAGONISMO E RESISTÊNCIA NEGRA NA REGIÃO DO MARUANUM/AP: EM BUSCA DE SABERES ANCESTRAIS	
Jamile Borges da Silva	
Tayra Fonseca Rezende	
DOI 10.22533/at.ed.75020110916	
CAPÍTULO 17.....	222
REPRESENTAÇÃO ETNOGRÁFICA E A NARRATIVA SUBALTERNA	
Adriana Elisa Bozzetto	
DOI 10.22533/at.ed.75020110917	
CAPÍTULO 18.....	229
RITUAL DE TOBÓSSIS: BANCADA, BARCO E INICIAÇÃO DAS PRINCESAS AFRICANAS	
Tayná do Socorro da Silva Lima	
DOI 10.22533/at.ed.75020110918	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	263
ÍNDICE REMISSIVO.....	264

CAPÍTULO 8

DA NARRATIVA DE VIAGEM À NARRATIVA ETNOGRÁFICA: A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO E A AUTORIDADE CIENTÍFICA

Data de aceite: 24/08/2020

Data de submissão: 20/06/2020

Eliane Miranda Costa

Universidade Federal do Pará, Campus
Universitário do Marajó-Breves
<https://orcid.org/0000-0002-5036-3147>

Texto vinculado à pesquisa doutoral realizada entre 2014-2018 no Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (UFPA).

RESUMO: O artigo discute a representação do/a “Outro/a” e a Autoridade Científica na escrita etnográfica, a fim de refletir sobre o papel do/a pesquisador/a na produção do conhecimento antropológico. Parte das seguintes indagações: Como representar o/a Outro/a na escrita etnográfica? Quem é o/a autor/a da narrativa etnográfica? É um estudo de caráter bibliográfico que tem como principais fontes: “Viagem à Terra do Brasil” de Jean de Léry (1980); “Os Nuer” de Evans-Pritchard (1978), e, “Os Milton” de Mariana Pantoja (2008). A leitura dessas fontes à luz da Antropologia interpretativa e pós-moderna possibilitou identificar importantes mudanças na escrita etnográfica ao longo dos tempos. Um processo polêmico e complexo permeado por jogos de interesses e relações de poder. Daí concluir que, não existe uma receita, um único modo de fazer uma narrativa etnográfica e, tampouco, marcar a autoridade

científica, até porque esse exercício depende da concepção teórico-metodológica adotada pelo pesquisador. Isso mostra que tal profissional tem papel decisivo na construção do conhecimento antropológico, pois, as decisões, que legitimam ou não o conhecimento produzido, são sempre do/a pesquisador/a.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita etnográfica. Tradução cultural. Autoridade científica.

FROM THE TRAVEL NARRATIVE TO THE ETHNOGRAPHIC NARRATIVE: THE REPRESENTATION OF THE OTHER AND THE SCIENTIFIC AUTHORITY

ABSTRACT: The article discusses the representation of the “Other” and the Scientific Authority in ethnographic writing, in order to reflect on the role of the researcher in the production of anthropological knowledge. It starts with the following questions: How to represent the Other in ethnographic writing? Who is the author of the ethnographic narrative? It is a bibliographic study that has as main sources: “Journey to the Land of Brazil” by Jean de Léry (1980); “Os Nuer” by Evans-Pritchard (1978), and “Os Milton” by Mariana Pantoja (2008). The reading of these sources in the light of interpretive and postmodern anthropology made it possible to identify important changes in ethnographic writing over time. A controversial and complex process permeated by games of interests and relations of power. Hence to conclude that, there is no recipe, a single way to make an ethnographic narrative, nor to mark the scientific authority, not least because this exercise depends on the theoretical-methodological conception adopted

by the researcher. This shows that such a professional has a decisive role in the construction of anthropological knowledge, because the decisions, which legitimize or not the knowledge produced, are always the researcher's.

KEYWORDS: Ethnographic writing, Cultural translation, Scientific authority.

1 | INTRODUÇÃO

Interlocutor/a? Participante? Informante? Colaborador/a? Coautor/a? Amigo/a? Afinal como representar o/a “Outro/a” na narrativa etnográfica? Quem tem essa autoridade? Essa é uma problemática que atravessa às discussões antropológicas no decorrer do século XX e XXI provocando severas críticas por parte de diferentes pesquisadores e teóricos, sobretudo, dos chamados pós-modernos. É um pouco dessa discussão que este texto procura se ocupar.

A perspectiva é tratar da representação do/a Outro/a e da Autoridade Científica na narrativa etnográfica, a fim de refletir sobre o papel do/a pesquisador/a frente à produção do conhecimento antropológico no contemporâneo. É um texto de caráter bibliográfico, que tem como principais fontes, um relato de viagem, uma etnografia clássica e uma pós-moderna. O estudo bibliográfico permite ao pesquisador acesso a uma gama de fenômenos, devido colocá-lo em contato com o que foi produzido sobre o tema, condição para o aprofundamento e a ampliação do conhecimento (GIL, 2009).

O artigo está organizado em três partes: a primeira, evidencia os pressupostos básicos dos relatos de viagem, a partir da obra “Viagem à terra do Brasil” (*histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*), do francês Jean Léry, originalmente publicada em 1578 (a versão aqui utilizada, é de 1980, publicada pela Editora Itatiaia Limitada), e da narrativa etnográfica clássica, com destaque para Malinowski. A segunda parte, faz uma análise comparativa das obras: “Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota” de Evans-Pritchard, publicada oficialmente em 1940 (a versão por nós utilizada foi publicada pela editora perspectiva em 1978) e “Os Milton: cem anos de história familiar nos seringais” de Mariana Franco, publicado em 2008, a fim de evidenciar os elementos do fazer etnográfico na perspectiva clássica e pós-moderna.

Nas considerações, terceira parte deste texto, argumenta-se que a representação do/a Outro/a e a autoridade científica na escrita etnográfica é sempre um dilema complexo e conflitivo, pois envolve necessidades e interesses divergentes e, principalmente, relações de poder.

2 | PRESSUPOSTOS BÁSICOS DA NARRATIVA ETNOGRÁFICA

O desafio de representar o/a Outro/a em narrativas escritas não é exclusivo

da Antropologia e antropólogos/as. Ao contrário, essa é uma prática que remonta aos viajantes desde o século XIV ao escreverem suas narrativas de viagens. Nestas, sobretudo no século XIX, período estudado por Leite (1996), “exótico” foi o principal critério usado pelos viajantes para representar as diferenças culturais do/a Outro/a, no caso, do não europeu. As narrativas de viagens eram assim: “veículos de expressão ou manifestação de uma cultura, enquanto tentativa de interpretar e compreender o Outro”. (LEITE, 1996, p. 94)

Nesse processo, o viajante desenvolveu papel primordial, visto ser o responsável pela recomposição e contextualização do relato. Isto é, escolhia as imagens e construía o discurso a ser representado ao leitor, atitude tomada intencionalmente, de acordo com determinados interesses (pessoal, lugar visitado, do financiador da viagem e do público leitor) e os parâmetros da cultura europeia da época, os quais à luz do paradigma evolucionista baseavam-se em critérios de superioridade e inferioridade (LEITE, 1996).

Cabe pontuar que quando as narrativas de viagem foram produzidas, os viajantes não dispunham de uma base teórica-metodológica, e não fizeram uso do método da observação participante (surgido no século XX, como veremos). Pois, não era esse o objetivo dos viajantes, até porque não eram antropólogos e, nem estavam fazendo Antropologia. Contudo, seus diários de viagem, segundo Leite (1996), caracterizam-se como um estilo pré-etnográfico que serviram de subsídios para o desenvolvimento da etnografia moderna, e são excelentes fontes documentais e literárias, como a obra de Jean Léry.

A “Viagem à terra do Brasil”, escrita por este viajante francês é vista por diferentes teóricos como um relato diferencial entre os demais, devido à imparcialidade que se evidencia por parte do escritor em relação à vida e aos costumes dos tupinambás, povos com quem Léry conviveu aqui no Brasil; bem como pela agudeza de sua observação e maestria nos recursos estilísticos utilizados. Léry relata o que viu, ouviu e observou, indo além do exótico e de descrições sobre à natureza. Escreve Léry (1980, p. 53): “minha intenção e meu objetivo serão apenas contar o que pratiquei, vi, ouvi e observei, quer no mar, na ida e na volta, quer entre os selvagens americanos com os quais convivi durante mais ou menos um ano”.

O autor marca, assim, por meio do uso das imagens e da escrita, sua presença e autoridade, bem como evoca uma realidade que foi extinta tanto pelo tempo como pela distância, e ainda possibilita ao leitor ver o/a Outro/a como sujeitos pertencentes a um mundo e cultura própria. Nesse exercício podemos dizer que Léry viu o Brasil e seus habitantes e, com isso, criou, como adverte De Certau (2006, p. 222), “uma hermenêutica do outro”, que este teórico indica ser uma importante abertura para alteridade e à diferença.

Na narrativa etnográfica, a existência do/a outro/a, ao contrário do relato de

viagem, é interpretada com base em um método e uma teoria, sobretudo a partir dos anos de 1920, quando a etnografia de Malinowski legitima junto à figura do antropólogo profissional, o método da observação participante que, além de romper com a “antropologia de gabinete”, “cria um novo contexto para descrever o outro. Nesse novo contexto, o outro e a sua cultura [foram] distanciados e definitivamente apresentados como diferentes” (CALDEIRA, 1988, p. 139), aliás, passaram a ser representados pelo antropólogo a partir do ponto de vista do próprio nativo (GEERTZ, 1989), o qual tem uma cultura exótica, mas, não tem voz.

Os “Argonautas do Pacífico Ocidental”, publicada por Malinowski, originalmente, em 1920, principal obra, desse modelo, apresenta-se como uma narrativa monofônica, em que o/a “Outro/a”, além de ser “exótico”, “só existe pela voz do antropólogo que esteve lá, viu e reconstruiu a cultura nativa enquanto totalidade em seu texto” (CALDEIRA, 1988, p. 134/135). Aspectos que se assemelham aos relatos de viagem, caracterizado pela presença excessiva do viajante, tal qual ocorre com a narrativa de Malinowski, na qual afirma sua autoridade científica, sem ter questionada sua inserção no texto e contexto descrito.

Malinowski (1978), inaugurou, assim, o chamado modelo clássico da etnografia, desenvolvido no âmbito do encontro colonial, em que o colonizado é o outro a ser representado. Nesse modelo, a autoridade é construída pelo modo como o autor se coloca presente no texto, e pela forma como legitima seu discurso sobre a cultura do/a outro/a. Para Caldeira (1988, p.134), essa autoridade é marcada pela famosa fórmula: “você está lá, porque eu estive lá”, a qual dá provas de que realmente o pesquisador viu o que relata e, que, aquilo de fato existe.

Sob tal perspectiva os antropólogos dedicaram-se ao estudo de grupos, povos “primitivos” para demonstrá-los aos membros de sua própria sociedade. Os povos primitivos eram aqueles que habitavam em lugares, não europeus, como as *Ilhas Trombriand*, traduzidos à luz de uma ciência imperialista ocidental.

2.1 A crítica da ciência interpretativa e pós-moderna

Com o processo de descolonização, sobretudo a partir da Segunda Guerra Mundial, o paradigma clássico, entrou em crise, provocando mudanças, não só no contexto, mas nos próprios sujeitos, e, principalmente, no tema de pesquisa. Na verdade, o/a Outro/a “deixou de viver” em “ilhas isoladas” e passou a “pertencer” ao mesmo mundo do pesquisador. Isso significou, na prática, não só uma mudança de contexto, mas, a necessidade de novos métodos e epistemologias que possibilitassem realizar a representação e a interpretação das culturas (GEERTZ, 1989).

Remetendo a Santos (2010), podemos dizer que esta crise epistemológica abriu caminhos para refutar o pensamento abissal, característico da ciência

moderna e, ao mesmo tempo, refundar radicalmente a própria noção de episteme, e isso vai além de representar e interpretar as culturas. Um caminho para refundar a episteme, que significa romper com o pensamento abissal, é o que o autor chama de Epistemologia do Sul, fundamental para costurar a ecologia de saberes.

A crise do modelo clássico, como mostra a literatura consultada, provocou diferentes questionamentos no campo antropológico. A primeira contestação foi feita por Geertz (1989) e seu “clã” interpretativista. Para esse grupo, a escrita etnográfica clássica, com seus padrões homogêneos, não dar conta de representar o/a Outro/a. Diante disso, passaram a defender uma escrita específica, com foco na história local, desenvolvida por meio de uma antropologia interpretativa.

Geertz (1989) defende que as culturas devem ser interpretadas como se fossem textos, sendo a análise antropológica uma interpretação sempre provisória. Para tanto, o antropólogo deve fazer uma descrição densa da cultura dos povos pesquisados, e entender que a essência da ciência interpretativa não é de responder, nas palavras de Geertz (1989, p. 41), “as questões mais profundas, mas colocar à nossa disposição respostas que outros deram [...] e assim incluí-las no registro de consultas sobre o que o homem falou”.

Na perspectiva dos críticos pós-modernos ou pós-interpretativistas como, James Clifford (2014), Caldeira (1988) e, outros, à ciência proposta por Geertz rompe apenas de forma parcial com o modelo clássico. Isso porque não rompe com a separação entre observador e observado e suas culturas. Entende que a perspectiva geertziana trata da interpretação sobre outra cultura, portanto, separada dos antropólogos, configurando-se como uma atividade que, em geral, aventa de reelaborar a experiência e as totalidades defendidas pela etnografia clássica. (CLIFFORD, 2014)

É com esse caráter de separação das culturas e reafirmação da totalidade que os pós-modernos dizem querer romper ao defender que não existe nenhuma forma de separação entre pesquisador e interlocutor, mas uma mútua construção nos encontros etnográficos (CRAPANZANO, apud TRAJANO FILHO, 1988). Assim, os pós-modernos defendem uma escrita com base nos modelos dialógico e polifônico, compreendendo que a etnografia não pode ser uma interpretação sobre a cultura do/a Outro/a, mas antes uma negociação, um diálogo, uma troca de vozes (CLIFFORD, 2014).

Caldeira (1988, p. 141) esclarece que a defesa da proposta de uma escrita polifônica tem como premissa básica,

a ideia de representar muitas vozes, muitas perspectivas, produzir no texto uma plurivocalidade, uma ‘heteroglossia’, e para isso todos os meios podem ser tentados: citações, depoimentos, autoria coletiva, ‘dar voz ao povo’ ou que mais se possa imaginar.

Com esse tipo de etnografia o antropólogo, para os pós-modernos, não se encontra mais em uma situação privilegiada, de superioridade, pois, torna-se “igual” ao nativo.

Nessa perspectiva, o autor não constrói sua autoridade científica se escondendo como ocorre na etnografia clássica; ao contrário, o pesquisador se mostra para dispersar sua autoridade (CALDEIRA, 1988). Certamente, por isso Clifford (2014) defende que a ciência etnográfica não pode ser compreendida fora de um debate político e epistemológico mais amplo sobre a escrita e a representação da alteridade.

Geertz (2006) discordando das críticas atribuídas pelos pós-modernos, sobretudo por Clifford, ironiza o fato de serem críticas feitas por escritores que desenvolveram uma crítica a partir da pesquisa de outros pesquisadores e não da própria experiência de campo. Questiona, assim, a função do autor, a presença autoral, ou melhor, a identidade autoral das metaetnografias e, mediante a essas questões, defende a necessidade de o antropólogo/autor contemporâneo assumir a responsabilidade pelas suas produções e traduções. Mantém, desse modo, a crítica à etnografia clássica, mas, ao mesmo tempo, considera que os etnógrafos clássicos são autores e não simples escritores com estilos próprios (GEERTZ, 2006).

Geertz (2006) reconhece ainda a importância das diversas traduções, mas, alerta que não se pode fugir da responsabilidade da autoria, já que, esta, não pode ser transferida para um método de linguagem ou para os interlocutores. Explica ele “seja a etnografia o que for – uma busca malinowskiana da experiência, uma paixão straussiana pela ordem, uma ironia cultural benedictiana ou reafirmação cultural pritchardiana –, ela é, acima de tudo, uma apresentação do real”. (GEERTZ, 2006, p. 186)

Na compreensão de Caldeira (1988), agindo assim, Geertz continua a ignorar o problema apontado por Robnaw (1986 apud CALDEIRA, 1988), isto é, que as interpretações das culturas são formuladas em um campo intelectual específico, marcado por jogos de interesses e relações de poder. Nesse processo, podemos dizer que a representação do/a Outro/a permanece subjugado a subalternidade, ou para operar com um termo de Santos (2010), ao pensamento abissal.

Clifford (2014) reconhece que tanto Geertz como os pós-modernos foram incapazes de discutir a Antropologia em uma perspectiva mais política, bem como do ponto de vista de uma crítica cultural. Daí ser necessário atentar para duas questões, isto é, o tipo de crítica e política que se quer fazer; e a autoridade do antropólogo/autor na busca de estilos que melhor se adapte aos objetivos, a definição crítica desses objetivos e a responsabilidade pelas escolhas feitas, as quais definem o que é ou não conhecimento válido.

Corroboramos com o pensamento de Trajano Filho (1988), que tais questões

precisam ser melhor discutidas no campo antropológico, pois a autoridade científica tem sido denunciada sem a profundidade necessária para de fato questionar os cânones da ciência moderna. Para isso, faz-se necessário uma ampla e consubstancial reflexão sobre os jogos de interesses e às relações de poder dentro e fora da academia, um exercício que exige refundar de forma radical à ciência.

As discussões apresentadas até aqui deixam evidente que a escrita etnográfica passou por importantes mudanças e inovações. Porém, muitos aspectos da etnografia clássica ainda prevalecem, sobretudo quando se trata da autoridade autoral, isto é, quem decide como será a escrita. As análises a seguir de “Os Nuer” de Evans-Pritchard e “Os Milton” de Mariana Franco ajudam a elucidar um pouco melhor esse debate.

3 | O CAMPO DE PESQUISA E A ESCRITA ETNOGRÁFICA: ENTRE O GADO E O SERTÃO

“Os Nuer” de Evans-Pritchard e “Os Milton” de Mariana Pantoja certamente são experiências textuais diferentes, um corresponde à etnografia clássica e o outro recende aos debates atuais da perspectiva pós-moderna. São, dessa forma, duas obras que ajudam a esclarecer o complexo debate acerca da representação do/a Outro/a e da autoridade etnográfica.

“Os Nuer”, como enfatizado é a clássica obra de Evans-Pritchard, publicada originalmente em 1940. Nessa obra o autor narra à história do povo Nuer do Sudão, na África, a qual inicia com um breve prefácio, explicando o motivo do estudo e suas fontes. Na introdução, apresenta os sujeitos de forma homogênea e sem voz; identifica o local, a cultura e os aspectos físicos dos povos Nuer. Esclarece que para compreender as instituições políticas desse povo, primeiro precisou entender o meio ambiente e os meios de subsistência. Nesse processo, constatou que sem o estudo do gado – a criação do gado era a principal atividade econômica do grupo –, não poderia investigar e entender “Os Nuer”. Assim, como estratégia adquiriu algumas cabeças de gado para ser aceito como “membro” entre esse grupo e, ao mesmo tempo, estudar a política, a linhagem, as noções de tempo e espaço costurados por tais povos.

Evans-Pritchard (1978) mostra com isso que o trabalho de campo depende, para além do pesquisador, da sociedade que o estuda e das condições disponíveis para fazê-lo. Por isso, mesmo não tendo interesse por gado, teve que estudá-lo para poder realizar sua etnografia com os Nuer. Daí compartilhar com Peirano (1995, p. 42), o entendimento que,

a pesquisa etnográfica é o meio pelo qual a teoria antropológica se desenvolve e se sofisticada quando desafia os conceitos estabelecidos

pele senso comum no confronto entre teoria que o pesquisador leva para o campo e a observação entre os nativos que estuda.

Na realização de sua etnografia, Evans-Pritchard relata que enfrentou várias dificuldades, entre as quais, destacam-se: desconforto material, desconfiança e resistência dos Nuer no estágio inicial da pesquisa. Expressa ele: “Os Nuer locais não me davam uma mão para nada e apenas me visitavam para pedir tabaco, expressando desagrado quando o mesmo era negado”. (EVANS-PRITCHARD, 1978, p. 16)

Somasse a essas dificuldades as condições políticas desfavoráveis do momento, as quais podem ser interpretadas como elemento que contribuiu para a resistência dos Nuer. Identifica-se ainda a falta de habilidade para conversar livremente com “Os Nuer”; a falta de um intérprete, uma gramática e dicionários adequados. Experiência que, certamente, o levou a defender a importância e a necessidade de o pesquisador ter um profundo conhecimento da língua do povo estudado. Outra dificuldade apontada pelo etnógrafo foi a de selecionar os interlocutores, em função da má vontade de alguns Nuer.

Ao narrar suas dificuldades em campo, Evans-Pritchard marca sua presença e autoridade, característica que se evidencia de diversas formas no texto, a exemplos, do anúncio dos assuntos que serão abordados no início de cada capítulo, bem como a síntese no final dos capítulos; o uso de variados termos, os quais demonstram seu argumento como tradução, além de uma construção textual em primeira pessoa, tanto do singular quanto do plural. Recorre ainda ao uso de imagens, figuras, mapas e fontes de tamanhos diferentes na descrição e análise dos dados observados e registrados.

Compartilhamos com Trajano Filho (1988), que a descrição adotada pelo pesquisador na escrita etnográfica, acerca das dificuldades vivenciadas no trabalho de campo, como faz Evans-Pritchard, é estratégia para conferir ao texto um ar de realismo o que aumenta a credibilidade da escrita. Certamente, as dificuldades expostas por tal etnógrafo contribuíram para convencer o leitor de sua autoridade. Também, ensina ser o trabalho de campo um desafio único para cada pesquisador. Evans-Pritchard (2005) defende que não se ensina fazer pesquisa de campo, apenas se pode alertar de problemas corriqueiros, isso porque cada pesquisador deve construir sua própria experiência.

Evans-Pritchard permite entender ainda que cada pesquisa e campo impõem seus próprios desafios, os quais, aliás, se configuram apenas como o começo do fazer etnográfico. Isso porque a batalha decisiva para este autor, não se dá no campo, no estar lá como escreve Geertz (2006), mas, na volta, no estar aqui. Ambos autores, referem-se, especificamente, à tradução, ou seja, à escrita etnográfica, a qual, para Evans-Pritchard, depende de um referencial teórico, e conhecimentos

sobre a constituição histórica do local pesquisado.

Clifford (2014, p. 20) lembra que a etnografia “está do começo ao fim, imersa na escrita. Esta escrita inclui, no mínimo, uma tradução da experiência para a forma textual”. Na expressão desse metaetnógrafo, a tradução na etnografia clássica é um processo complicado frente às relações de poder que a envolve, por isso analisa que a etnografia clássica encena estratégias específicas de autoridade para convencer e atribuir grau de verdade, tal como faz Evans-Pritchard e, os demais clássicos.

Todavia, a tradução de Evans-Pritchard vai além de outras narrativas clássicas. O próprio Clifford (2014), o considera como uma constatação do efeito teórico, tendo em visto que ele não faz somente uma simples descrição, mas apresenta argumentos teóricos capaz de envolver o leitor na complexidade da observação participante. Daí corroborar com o pensamento de Perrone-Moisés (1996, p. 140), ao afirmar: “graças a Evans-Pritchard, [...] somos capazes de compreender notícias que de outro modo pareciam totalmente exóticos, no pior dos sentidos”.

O exposto ajuda enfatizar que Evans-Pritchard tem uma forma de representar o campo e os interlocutores, próximo ao que Léry, em certa medida, fez em sua narrativa de viagem, ou seja, de traduzir o outro além do exótico. Como visto, os *Nuer* têm uma história, uma ecologia, um sistema político e social. Contudo, como uma escrita clássica, “*Os Nuer*” não têm voz e são apresentados de forma homogeneizada por Evans-Pritchard.

Esse caráter monológico e homogêneo vem sendo refutado, como já mencionamos pela ciência interpretativa e pós-moderna. Esta última, defende uma escrita dialógica e polifônica. É o que afirma fazer Mariana Franco em “Os Milton”, segunda obra de análise deste artigo. “Os Milton” é resultado da pesquisa de doutorado de Franco, defendida em 2001 na Universidade Estadual de Campinas. Trata-se de um trabalho que narra à história de uma família, que, ao longo de cem anos, vive nos seringais do Vale do Juruá no Estado do Acre.

Esta autora estruturou sua tese em oito capítulos incluindo à introdução, na qual, narra o interesse e envolvimento com a pesquisa, a aproximação com o campo e os sujeitos; apresenta o referencial teórico, a metodologia e as estratégias adotadas. Nos demais capítulos narra junto com os interlocutores, intitulados de coautores, a história dos *Milton*, a partir do longo processo histórico, que tem início com a ocupação de seringais na Amazônia no fim do século XIX, com desfecho, ainda incerto, frente à abertura democrática pós-Constituição de 1988.

Para apresentar essa narrativa Franco utilizou vários recursos metodológicos, a saber: ao tratar da cronologia, devido à incoerência de datas observadas nas entrevistas, optou por uma cronologia pessoal e subjetiva; em relação à transcrição das entrevistas, em geral, procurou conservar a maneira de falar dos entrevistados, além de se preocupar em corrigir os erros ortográficos e gramaticas, mas mantendo

uma escrita fiel a forma de falar de seus coautores, que não os desrespeitassem e inferiorizassem como cidadãos. Também optou por usar glosas (comentários mais densos, interpretativos e referenciados), boxes (adicionam informações e dados no meio do texto sem interferir na sequência lógica da narrativa) e notas explicativas, além de fotos, mapas geográficos e mapas de parentesco.

Ainda na introdução Franco esclarece que optou por uma narrativa em que compartilha autoria com a família que pesquisou. Escreve ela: “conhecendo-os e lendo as entrevistas transcritas, recusei-me a abrir mão de deixar que eles mesmos falassem; não queria para mim a responsabilidade de falar por eles” (FRANCO, 2008, p. 64). Acrescenta: “vi-me então na busca por formas textuais mais adequadas, em especial aquelas que permitissem diálogo entre múltiplas vozes, inclusive a minha” (FRANCO, 2008, p. 64).

Nesse sentido, opta pelo modelo dialógico polifônico. Na perspectiva de Clifford (2014) o modo de autoridade dialógico compreende ser a etnografia, resultado de uma negociação construtiva e compartilhada entre os sujeitos. O modo de autoridade polifônico, por sua vez, rompe com etnografias monofônicas e propõe uma produção colaborativa do conhecimento etnográfico, uma etnografia capaz de dar voz aos sujeitos. Para isso, depende da habilidade do pesquisador em manter a estranheza da outra voz e não perder de vistas as contingências específicas das interações.

Um aspecto importante a destacar diante desse processo é o fato de “Os Milton” ser uma pesquisa negociada com os sujeitos tanto em termos de produção como de divulgação de informação e direitos autorais. Na trajetória histórica dos Milton, Franco optou pela observação participante e entrevista com roteiro pré-elaborado, além de buscar sustentação teórica, no campo da História e da Antropologia. Entre os conceitos utilizados destacam-se o de “família” como um conceito polissêmico e relações de parentesco. A autora identifica que à relação de parentesco está para além dos laços consanguíneos, visto resultar da convivência e do afeto, com isso, demonstra que os termos de parentesco são construções históricas e culturais com diferentes significados.

O texto em si, compreende as narrativas transcritas, ou seja, as vozes dos coautores colocadas na mesma margem que as análises de Franco, porém, com fontes diferentes o que marca a presença da autora. Essa autoridade é marcada também pela descrição de seus interesses e objetivos da pesquisa, assim como pelo anúncio em cada capítulo do que vai ser abordado, bem como pelas considerações ao final dos capítulos. Nesse aspecto assemelha-se a Evans-Pritchard, como demonstrado anteriormente.

Em geral, Mariana Franco oferece aos interlocutores e a si própria um modo de presença na pesquisa, o que faz por meio da valorização de uma perspectiva

dialógica e polifônica na relação que estabelece com “Os Milton”. O fio condutor desse diálogo é a relação de afinidade que aprendeu a estabelecer com os coautores de sua pesquisa, que, em todo caso, contribuiu para afirmar sua autoridade científica.

Segundo Clifford (2014, p. 36) “a experiência evoca uma presença participativa, um contato sensível com o mundo a ser compreendido, uma relação da afinidade emocional com seu povo, uma concretude de percepção”, portanto, a experiência não é só uma forma de legitimar a autoridade científica como se vê na etnografia clássica. Mas, é, também recurso de valorização do/a outro/a como sujeitos que tem voz, cultura e saber.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto evidencia que representar o/a “Outro/a” na narrativa etnográfica é sempre um dilema, uma vez que se trata de uma produção permeada por disputas acadêmicas, jogos de interesses e relações de poder. Nessa dinâmica o pesquisador exerce papel decisivo, pois, tal qual o viajante, é quem decide o que será utilizado em sua narrativa, isto é, descreve as expressões daqueles que lhe falam, seleciona o que é, ou não é fonte, classifica as falas que serão descartadas e as que serão utilizadas na produção textual. Em outros termos é o/a pesquisador/a quem edita o texto e organiza o resultado da pesquisa, isto é, define o que é conhecimento e como este pode ser uma verdade válida.

Essa é uma questão muito clara tanto em “Os Nuer” de Evans-Pritchard quanto em “Os Milton” de Franco. Um aspecto, importante, a ser observado na escrita etnográfica diz respeito à relação autor, objeto e leitor. No modelo clássico, destaca-se a existência de um leitor cúmplice, o que se evidencia sobretudo nos Argonautas de Malinowski, no qual prevalece uma relação entre autor e leitor, sem a presença do interlocutor.

Evans-Pritchard, quebra um pouco com essa lógica, quando evoca uma participação textual entre nativo e leitor, indo assim além da cumplicidade que se observa em Malinowski. Com a ciência interpretativa e, posteriormente, com os modelos dialógicos e polifônicos, proposto pelos pós-modernos, a exemplo da narrativa de Mariana Franco, tem-se, não apenas, um leitor que se informa, mas um leitor capaz de fazer críticas e sugestões, elemento importante para questionarmos o emudecimento epistêmico.

Em termos epistemológicos podemos considerar que na escrita etnográfica, sobretudo nas narrativas clássicas – mas também, se observa nas narrativas interpretativas e pós-modernas –, a existência de uma tradução cultural de viés eurocêntrico. É notável uma tentativa de ruptura, ensaiada, fundamentalmente, pelo modelo pós-moderno, com a defesa de uma polifonia de vozes, mas, que, em geral, não consegue romper com o projeto moderno de epistemologia.

E isso ocorre porque não basta apenas questionar e apostar em soluções esquizofrênicas. É urgente e necessário pautar-se em uma descontinuidade radical com o pensamento abissal (SANTOS, 2010). Um exercício que exige repensar conceitos, matrizes teóricas e concepções, na relação com o campo de pesquisa, com a construção do conhecimento pelos próprios sujeitos e a compreensão dos mesmos acerca dessa construção. Isso remete ao reconhecimento dos sujeitos como agentes epistêmicos, bem como à postura e ao compromisso do pesquisador com à ética e à ciência produzida.

Ressaltamos que a discussão feita aqui é uma explicação incompleta, até porque não era intenção de esgotá-la. Nesse sentido, qualquer tentativa de respostas às indagações iniciais deste texto será sempre provisória. Em síntese, convém sinalizar que, embora as mudanças paradigmáticas tenham introduzido importantes contribuições para repensar a diferença cultural, representar o/a Outro/a na narrativa etnográfica é sempre um complexo dilema, pois, não existe uma receita, um único modo de fazer uma tradução e, marcar a autoridade científica. Esse é um processo que muito depende da concepção de ciência adotada pelo/a pesquisador/a, assim como das necessidades, negociações e interesses envolvidos, incluindo o compromisso epistêmico que o/a pesquisador/a assume com o contexto e os agentes.

REFERÊNCIAS

CALDEIRA, T. P. do R. "A presença do autor e a pós-modernidade em Antropologia", **Novos Estudos**, nº 21, 1988.

CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014.

EVANS-PRITCHARD, E.E. **Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

EVANS-PRITCHARD, E.E. "Algumas reminiscências e reflexões sobre o trabalho de campo". *In: Bruxaria, Oráculo e Magia entre os Azande*. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GEERTZ, C. **O antropólogo como autor**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2002.

FRANCO, M. C. P. **Os Milton: cem anos de história familiar nos seringais**. Rio Branco: EDUFAC, 2008.

LEITE, I. B. **Antropologia da Viagem**: escravos e libertos em Minas Gerais no sec. XIX. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

LÉRY, J. de. **Viagem à Terra do Brasil**. Tradução de Antoine Chuppin, 1578. Belo Horizonte – Itatiaia: São Paulo, EUSP, 1980.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

PEIRANO, M. **A Favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

SANTOS, B. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: Santos, B. & Meneses, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

TRAJANO FILHO, W. Que barulho é esse, o do pós-moderno? *In*: **Anuário Antropológico 86**, Brasília, 1988.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agronegócio 67, 76, 77, 82, 87

Amazônia 39, 76, 77, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 102, 112, 231, 258, 259

Antropologia 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 32, 39, 40, 41, 42, 44, 49, 50, 63, 75, 88, 104, 106, 107, 108, 109, 113, 115, 116, 117, 135, 161, 162, 164, 166, 167, 181, 183, 202, 210, 213, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 247, 256, 259

Assédio 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 62

Autoridade 41, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 173, 226

C

Centralidade 43, 145, 164, 170, 179, 211, 214, 218, 219, 220

Comunidades 22, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 45, 65, 71, 76, 77, 81, 82, 84, 85, 86, 89, 90, 92, 94, 95, 96, 99, 100, 101, 157, 158, 183, 188, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 233

Consumo 33, 98, 99, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 131, 184, 185, 191, 192, 193, 194, 195, 198, 199, 200, 205

Cotidiano 11, 21, 34, 59, 89, 90, 91, 100, 128, 139, 163, 184, 189, 192, 197, 202, 204, 206, 215, 216, 218, 220, 222, 227, 229, 232, 256

Cuidado 99, 168, 169, 170, 171, 173, 176, 178, 179, 192

Cultura 3, 4, 5, 6, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 25, 28, 39, 65, 66, 67, 68, 73, 75, 95, 101, 102, 106, 107, 108, 110, 114, 126, 140, 141, 142, 156, 157, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 185, 187, 188, 189, 190, 191, 200, 201, 207, 208, 209, 210, 211, 218, 221, 222, 223, 224, 226, 228, 231, 236, 247, 258, 259, 260

Cultural 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 31, 34, 35, 38, 39, 43, 44, 46, 73, 91, 92, 94, 95, 104, 105, 109, 114, 115, 116, 130, 136, 137, 141, 142, 145, 149, 150, 152, 156, 160, 161, 163, 165, 166, 167, 181, 184, 187, 188, 193, 207, 208, 213, 218, 226, 233, 234, 236, 248, 253, 258, 259

D

Decisões judiciais 168, 170, 171, 172, 173, 179, 182

Digital 63, 167

E

Economia 4, 11, 73, 75, 83, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 129, 138, 142, 172, 179, 184, 186, 195

Educação 13, 16, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 74, 88, 89, 90,

91, 92, 93, 97, 99, 101, 102, 126, 128, 161, 162, 164, 166, 167, 189, 191, 192, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 213, 221, 263

Epistemologia 1, 2, 23, 108, 114

Escrita 42, 44, 45, 48, 91, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 199

Estigma 204

Estudantes 1, 2, 3, 4, 9, 29, 33, 38, 89, 90, 94, 95, 96, 100, 101, 222

Etnografia 5, 19, 42, 49, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 222, 223, 224, 227, 229, 230, 231, 232, 236, 241, 245, 256, 258

Evitação 171, 204

F

Fronteira 76, 77, 81, 84, 87, 88, 143, 145, 215

G

Gestão 26, 28, 29, 30, 31, 35, 36, 37, 38, 39, 50, 75, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 103, 171, 172

Globalização 117, 119, 123, 125, 128, 218, 219

H

Home care 168, 169, 171, 172, 173, 178, 179

I

Identidade 11, 12, 23, 24, 30, 32, 34, 44, 49, 50, 61, 66, 74, 109, 121, 134, 137, 143, 164, 205, 211, 212, 213, 215, 216, 217, 219, 220, 229, 234, 244, 248, 253, 259

Imigração 130, 131, 132, 133, 134, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144

Interatividade 69, 161, 163

Interculturalidade 26, 28, 29, 31

Interlegalidade 40, 50

L

Lei 32, 37, 39, 51, 52, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 79, 83, 102, 119, 138, 143, 171, 175, 177, 200, 201, 248, 260

M

Memória 11, 130, 133, 134, 135, 137, 139, 140, 142, 143, 144, 190, 195, 198, 215, 220, 221, 241

N

Narrativas 9, 11, 12, 23, 40, 41, 105, 106, 112, 113, 114, 145, 146, 151, 153, 155, 157, 158, 159, 188, 214, 222, 225

O

Origem 16, 46, 48, 59, 64, 130, 131, 132, 133, 134, 137, 138, 140, 163, 164, 181, 195, 216, 222, 223, 227, 242

P

Povos indígenas 26, 27, 28, 29, 32, 34, 36, 39, 63, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 90, 91, 92, 94, 95, 97, 98, 101, 102

Q

Quilombo 44, 46, 47, 211, 213, 214, 217, 220, 221

Quilombolas 40, 44, 46, 47, 49, 83, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 218, 219, 220

R

Reinvenção 127, 180, 215, 229, 244, 259

Religião 15, 229, 230, 236, 237, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 252, 253, 255, 256, 257, 258, 259

Religiões 70, 229, 236, 237, 245, 246, 247, 248, 249, 257, 259

Resistência 9, 17, 77, 91, 101, 111, 211, 215, 216, 217, 218, 219, 259

S

Saberes 1, 2, 13, 22, 23, 24, 29, 31, 37, 38, 93, 94, 108, 116, 183, 211, 212, 215, 216, 217, 218, 219, 226

Saúde 26, 29, 30, 31, 34, 36, 37, 38, 39, 67, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 126, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 190, 191, 196, 197, 199, 200, 201, 209

Saúde indígena 26, 30, 36, 37, 39, 89, 93, 94, 95, 98, 99, 101, 102

Segregação 145

Simulacros 183, 194, 195, 201

Subalternidade 60, 109, 214, 222, 225, 226

T

Tecnologia 12, 63, 120, 161, 162, 193

Terra 35, 43, 48, 63, 64, 67, 73, 75, 76, 77, 79, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 97, 98, 104, 105, 106, 116, 120, 123, 131, 132, 191, 207, 216, 221, 237, 241, 242, 250, 258, 259, 260

Território 34, 43, 44, 64, 65, 88, 89, 92, 101, 130, 132, 138, 145, 165, 220, 223

Tradição 7, 18, 143, 164, 216, 218, 226, 229, 231, 234, 235, 237, 242, 244, 251,

253, 254, 258

U

Universidade 1, 2, 3, 4, 7, 9, 22, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 38, 39, 51, 76, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 100, 102, 103, 104, 112, 117, 129, 130, 143, 144, 161, 179, 182, 183, 201, 203, 204, 211, 221, 222, 229, 230, 259, 260, 263



A Interlocução de Saberes na Antropologia

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020



A Interlocução de Saberes na Antropologia 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020